

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

## Vida política local

Há cerca de dois anos que a ditadura militar alijou do governo os partidos da República, entregando a administração pública a entidades cujo credo político não a interessava e nem dele procurava inquirir.

Uma única preocupação se notou sempre da parte de quem presidia aos destinos da Nação — combater os partidos constitucionais, especialmente o Partido Republicano Português, que era apontado como a fera perigosa. E assim, em toda a parte se tomou como base de guerra implacável a acusação de que este partido era o culpado de todas as calamidades nacionais.

Logares há em que as influências ditatoriais não quizeram saber de mais nada, como está a suceder em Guimarães.

O Partido Republicano Português, pela sua forte e disciplinada organização, pelo carinho com que sempre soube defender a República, pelo zelo e interesse que lhe tem merecido os negócios públicos, pela dedicação votada ao prestígio da nossa querida Pátria, não podia captivar as boas graças daqueles que a todo o momento procuram amesquinhar e aniquilar as instituições republicanas de que o partido é o mais seguro baluarte.

O advento da ditadura deu-lhes alento e ei-los que desenvolvem uma persistente campanha de ódio, de invenções de toda a ordem, para conseguirem afastar todos os que podessem dar garantias de indefectível republicanismo, pois esses não atacam o partido, porque combatê-lo, era combater a própria República. Eles sabem muito bem, conhecem perfeitamente a situação local e não teem dúvida que a causa sagrada da República está defendida por aqueles que pretendem aniquilar e para realizar o seu fim, não hesitam em pôr de parte tudo quanto possa interessar a Guimarães e concorrer para o seu engrandecimento, para o seu progresso.

Mas a história há-de fazer-se um dia e o nosso bom povo já começa a ver claro a fraude e há-de certamente colocar-se ao lado dos que o teem defendido e com eles gritar

**Viva a República.**

Este número foi visado pela Comissão de censura.

## Carta aberta

de Pirrónico a Diógenes:

«Um amigo meu mandou-me...»  
(Em gramofone de A. T. & Filosa)

Vale, velho. Eu te saúdo, amado dos deuses e desconfiado dos homens, e te desconfio dos deuses do Olimpo se derramem sobre a tua vetusta e arqueológica calva.

Vale, divino Diógenes, que a minha ao fazer desta é boa, graças a Deus.

Sem saber ao certo onde paras, não podendo supôr-te no assento etéreo a piscar o olho filosófico à sublimada Nathércia, nem devendo julgar-te digno de figurar no fumeiro de Plutão, escrevo-te para o Limbo, duvidosa mansão que o catolicismo destina aos sem alma.

— (Mórta a maçonaria! Não faças caso: é preciso andar com os ventos). — E tu, compadre, não foste batisado; és um desalmado, qualidade que bonda para te aniquilar na tréva perpétua. A não ser que alguma revolução salvadora altere a ordem das coisas, aquela orden em que as pês o Sarragoçano, o que não é provável.

Resigna-te, divino, e ouve com fervor a súplica do teu compadre. Não penses que vou pedir-te uma remodelação na lei do inquilinato, ou qualquer redução no ordenado do funcionalismo. Ná, caríssimo; coisas são essas que já me não fazem massa. Vale, Diógenes. O que eu quero é a candeia.

Dá-me a candeia, compadre. Manda-me pelo recoveiro, pelo Carlos, quando ele aí passar. Mesmo sem pavio e sem graxa. Aqui o que mais há são pavios e graxa. Estamos às escuras, filho, e a candeia aí não te faz mister. No Limbo não a podes usar, nem corres o risco de ser atropelado. Ao passo que eu...

Que sorte a tua!... Morreste a tempo, amigo, e Júpiter ao levar-te desta para melhor, fez-te impagável favor. Olé se fez. Estivesse tu cá agora e veríamos se com uma só candeia lobrigavas sombra de amigo. Nem com vinte!

Que despezona o pai dos deuses te poupou... Sempre é certo que Deus escreve direito por linhas tortas.

Tiveste sorte. Nós, os que ainda por cá penamos, não sabemos como descalçar a bota. Há quem se suicide, à falta de conventos onde se recolha com o seu desgosto. São gestos sopeirais, que eu detesto, não só por ofenderem a graciosidade, a harmonia apolínea, que tu conheces e eu admiro, mas, e principalmente, por estarem caros

os fósforos e serem, as mais das vezes, intragáveis. E como não estou para me suicidar, venha a candeia, que só de candeia se pode andar nesta terra de Cristo, sem energia e sem luz.

O que nos tem valido são as trovoadas primaveris que, com os seus relampagos, nos vão indicando o caminho. Tirando isto, está tudo escuro como breu.

É porque, dirás tu, e porque motivo vos tiraram a inergia e a luz?

Ora; bem se vê que já não és deste mundo... Foi ela, a D. Economia... Foi ela que apagou a luz, e, a continuar com estes arregaños, será ela que nos tirará a água e — quem sabe? — talvez se atreva a fazer com a gente a experiência que o inglês fez com o burro.

Vale, Diógenes; viva!

Estava a linda luz posta em socêgo em casa do concessionário, só satindo à noite, para não dar nas vistas, quando, noutro dia, D. Economia a enxerga e zás, mete-a ao bolso.

Procura luz para aqui, chama energia para acolá, e nada — luz de grilo. Na semana santa não faltou quem andasse de lanterna acêsa a ver se a via e... nikles. Nem resquícios. Nem tu fazes ideia do que se... não viu!

O portador desta, um cão que fugia para casa, não atinou com o caminho e foi esmigalhar a cabeça nas fraldas do monumento do rei preto, do Afonso.

Coitado! sempre respeitado por todas as redes do canil municipal veio a cair nesta... Altos destinos, compadre.

E' por isso, com medo de que me aconteça o mesmo que ao cão, salvo seja, que eu te peço a candeia. Dá-me a candeia, Diógenes. Não precisas dela aí; mas, se dela houveres mister, tem paciência por algum tempo. Lembra-te que estou em risco de vida, em risco de partir a cabeça contra alguma esquina.

Olha, mete-te no tonel, se ainda o tens e o levaste contigo; caso contrário, vai para um... bairro popular, dêsses que no limbo estão.

Não te esqueças, compadre. Manda-me a candeia. Dá-me a candeia, Diógenes!

Um amplexo eleitoral do

Teu seminariesticamente  
ex-corde

Pirrónico.

P. S. — Olha que não é o esqueiro que eu quero; é a candeia.

Outro eleitoral amplexo do

P.

## Rezar e cantar:

eis o interesse da Pátria

Não há dúvida.

Na hora presente, no momento que passa, rezar e cantar é o maior interesse que se pode dar a esta Pátria abeirada de abismo.

E' o problema máximo, a maior obra económica e o trilha seguro para a restauração. Pode haver urgencia em concertar um caminho, em abrir umas fontes que sirvam a povoados, em criar uma escola; mas, acima de tudo isso, está a reza e o canto.

Dos interesses das freguesias, é letra morta que nem merece gastar um quarto de papel.

Zelem-se os interesses da Igreja, e deixar correr...

Urge chamar á cova os incredulos e proporcionar beleza ao culto daqueles que já vem vivendo na graça de Deus.

Há necessidade absoluta de comprar mais uns pares de jarras, um tóco de vela, uma pia de agua-benta, ou um harmónium que execute invitatórios e salmos? Comprem-se, mesmo com dinheiro adquirido ilicitamente, que o peccado será sempre levado á conta de virtude.

Os vindouros que cuidem do interesse da terra, um dia, quando a Pátria e a Religião viverem em doce promiscuidade. Por agora, e isso basta, convem acorrer ao brado do sr. abade, do beatério e dos da sua igualha: — Combata-se o racionalismo, e nada importa que um carro de bois fique enterrado em lama ou que o povo morra de sede.

«Deus, super omnia,» — e o resto são cantigas que só vão favorecer os negregados dos políticos.

## Linhas ferreas

Há muito tempo que na imprensa se vem levantando uma intensa campanha a favor de linhas ferreas através da linda e fértil provincia do Minho.

A cidade de Braga desenvolveu extraordinaria actividade reclamando a construcção de linhas ferreas que façam dela um importante centro comercial. Viana do Castelo vem lhe seguindo o exemplo. E, graças aos seus esforços, já se fala no breve inicio da construcção de varios trôços.

De vez em quando, como que por compaixão connosco, lê-se também o nome da linha ferrea Braga-Guimarães.

Não sabemos se ela realmente constitue materia apreciavel no projecto ferroviário de Braga, mas o que infelizmente temos de

## Serenata a um coração

O meu coração velho  
Já nem o ouço bater...  
Bate, bate tam baixinho,  
Que sinto que vai morrer...

Coração, os corações  
Que tu amaste em menino...  
Vais fartinho de paixões,  
Coração — o teu destino!...

Pouca alegria tiveste,  
E se a tiveste algum dia,  
De tanto que tu sofreste,  
Foi bem triste essa alegria!...

Vamos: descança, descança,  
'Stás cançado de bulir...  
Coração, dorme, criança!  
Deixa-o dormir, dormir...

Não faças qualquer rumor,  
Pode acordar, tende dó...  
Vai findar a sua dor,  
Dorme, coração! ó... ó...

.....  
O' terra do Campo Santo,  
Come-o muito de mansinho,  
Que éle vai lavado em pranto  
O meu coração velho!...

O' velho da negra enxada,  
Enterra-o devagarinho...  
Que a terra é muito pesada  
P'ra o meu coração velho!...

Delfim de Vimaranes.

confessar é que em Guimarães se vive inteiramente alheado desta grande aspiração de fomento regional, dando-nos a impressão de que temos tudo quanto nos é necessário e de nada mais carecemos em viação acelerada.

Em tempos que já lá vão tratou-se com certo empenho da construcção da linha electrica entre as duas cidades do distrito. Mais tarde, já com a ditadura, alguém se lembrou de levantar o brado para o estudo da linha do Vale do Ave, que partindo de Caniços iria pela Povoá de Lanhoso à Cabeceiras de Basto, atravessando a zona mais industrial e de maior riqueza agricola de Portugal. Guimarães seria, com este projecto, dotada de um importante meio de comunicação que havia de contribuir muito para o seu desenvolvimento comercial e industrial. Chegou mesmo a esboçar-se um certo movimento de manifesto empenho por esse interessante projecto.

Não durou a porem muito o entusiasmo e a breve trecho apparecia arrefecido, mesmo apagado, enquanto Braga se lançava em uma persistente opposição a tudo quanto se referisse á linha ferrea do Vale do Ave.

Volta novamente á estacada, lembrando a sua necessidade e a sua importancia o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. João Antunes Guimarães. Sigamolo e colaboremos com ele na luta pelo progresso de Guimarães.

**Um famoso arco-íris**

Recorda-se o leitor daquela carta «histórica» enviada ao «Diário de Notícias» por um miserável que lentamente se acimava de modesto proprietário?

Focou-a com métrica rútila e concisa o «Rebate», brilhante como sempre nos seus impecáveis instantâneos. E a «Velha Guarda» gulosamente o transcreveu no seu número 171.

E' assombroso!... Mas o simplório do homem quiz botar de patriota subscrivendo-se com o óbulo das suas economias — cinquenta libras em ouro — para o empréstimo Nacional.

O lisboêta sentiu náuseas do agiota que desconta dinheiro aos funcionários públicos a 72% ao ano; e, para encobrir as chagas, vá de flostriar com os doze dinheiros do moderno Judas, patacas reluzentes que avaramente extorquiu a tanto indigente.

Ditosa Pátria que tais filhos deu!

E' caso para se lhe erigir uma estátua. O homem que numa das mais atribuladas emergências da vida portuguesa se nos revela de tal jaez merece as atenções dum povo a que temos a honra de pertencer.

Ao filmar os baixos instintos de certos indivíduos que perpassam através da minha retina com atitudes ferozmente tórpas, sinto que a garganta se me enfuna com o acesso dum vômito eminente que vem saturado de piedade e nãojo, de lástima e repulsa.

E' que não aproveitou a muito malvado a lição dum História como a nossa.

E' que vegetam hoje, volvidos quasi três séculos após a gloriosa manhã de 1 de Dezembro de 1640, vários Mouros e Miguelis de Vasconcelos por este solo que desprezam e espesinham... cosmopolitas sem fé nem amor ao Torrão natal.

Ouro! Ouro!... E a sede que os devora levá-los-hia a hipotecar a Pátria, a vendê-la se não fóra o medonho receio que os contrai...

Porque acima de tudo são covardes. E eis uma planta que viceja, parasita infame que devera ser um arcaísmo odioso na revescência da civilização.

Mas esse homem, galvanizado pela imprensa numa das mais deploráveis conjunturas, não é como que um cipreste impenetrável na sua obscura isolação. Esse homem é o símbolo dum pleiade degenerada de portugueses; é um exemplar colhido de improviso que o destino nos oferece como espécimen de inúmeros outros. São estes porventura que encontramos vulgarmente a achinalhar a vida republicana por esses rendez-vous da maledicência. Eles são os micróbios insaciáveis que enxundiam as veias da Pátria, derrancando-lhe o já empobrecido sangue.

Que miséria moral!... Que hediondos vendilhões se arrogam o direito de pronunciar impudicamente o nome sacrossante dum Pátria tão cheia de glórias!... E para cúmulo, o cinismo com que lhe atiram duas, três migalhas, do muito que sem reboço lhe roubaram.

Quêdos, malvados! Nem mais falar na Pátria que miseravelmente profanais com o halito nauseabundo das vossas bocas, com os bicos empedrados dos vossos colmilhos!...

Há verdades, grandes e profundas verdades, que a sociedade costuma encobrir no espesso manto da sua hipocrisia. Desdenhadas, se não calcadas arbitrariamente, essas verdades, bebidas a

**Diz-se... A' volta dum acontecimento****O oitavo centenário da Batalha de S. Mamede**

(Continuado do n.º anterior.)

...Que isto assim vai muito bem porque já não mandam os democráticos e tudo o mais não tem importância.

...Que um conhecido trauliteiro *doublé* de escroque e intrigante, se julga em terreno conquistado e maneja como lhe apraz a vontade tirânica do patrão, cuja índole malévola, explora com a arte que lhe é peculiar.

...Que há muitos modos de lavar a vidinha e quando a conveniência assim o manda e o vento é favorável, finge-se estar onde não está, para não ir para onde devia ter ido.

...Que há pessoas de categoria e presumida preponderância que aconselham o desrespeito a determinações legais e necessárias ao funcionário de saúde, esquecendo-se da responsabilidade que assumem e que diz lhe será pedida.

...Que para os lados de Barco, foi principiada a construção de uma Avenida, mas...

...Que S. Ex.<sup>a</sup> D. Economia a mandou embargar por falta de verba legalmente orçamentada.

largos haustos pelos cegos, seriam o desmantelar da máscara humana, máscara que continua sendo a eterna e imutável farça. Mas isto é velho. Tão velho que seria ocioso enumerar-lhe as roupagens com que nos surge nas diversas fases do progresso.

Desejei apreciar no meu cubículo aquela carta; e ela define uma época se a analisarmos pelo prisma que eu analiso: o amor que os possuidores do ouro Nacional consagram a Portugal.

Seria para aplaudir que eles, num rasgo de patriotismo, buscassem um pouco do muito ouro que crimosamente guardam nos bancos estrangeiros, e dissessem: aqui está! A Pátria não morre por nossa culpa.

Não morre!... A Pátria não morrerá jámais. Será salva.

Mas descancem que não será pelo esforço deles.

Olha eles... Odeiam tão entranhadamente a República, que até fomentam mesquinamente o descrédito Nacional; até lhe chuparam o ouro.

A questão foi ventilada já pela imprensa. Mas os patriotas ficaram-se nos seus cálculos. Que lhes importa a bem dizer, a falência Nacional se, mesmo sob qualquer dos grandes estandartes, se compraziam nos babejos da sua comodidade? Antes isto a ser republicanos — dizem os do sangue azul.

E contudo usufruem como os outros os direitos de cidadãos. Que se não fóra tal, talvez estivesse já consolidado o bem de todos nós.

Está provado que os defensores do «direito divino» em caso nenhum poderiam salvar Portugal. Disse-o a população em 5 de Outubro de 1910. Di-lo presentemente a sua miseranda e traiçoeira serenidade.

São mesmo uma esfinge.

XYZ.

**O Narciso**

*Criaturas há, de todos conhecidas, popularizadas, ridículas para uns, mais desgraçadas que ridículas para outros, que adquirem a celebridade fácil das ruas só porque, coitadas delas, um aleijão informe ou um desequilíbrio mental as lançou sem norte no torvelinho da vida, a tudo sujeitas, tudo sofrendo, aqui um pontapé, além um riso de escarneo, mais adiante os apupos das multidões imbecis.*

*Como comovem as boas almas, como fazem refletir as consciências puras, esses pobres trambólhos humanos que o vento desapiedado da desgraça atira sem dó para as valas comuns dos cemitérios, sem que os acompanhe o choro dum amante ou dum dedicado!...*

*O Narciso, que todos conhecem, é destes. Desgraçado como poucos, filósofo como nenhuns.*

*Nunca nos rimos, — melhor, raramente nos rimos —, do que costuma perorar em face de auditórios alvares, sempre desejosos de lhe ouvirem as palavras avinhadas. Há dias, porém, rimos e rimos bem, rimos de vontade.*

*...E' que o digno émulo do Pinheiro «maluco», andava, muito compenetrado de si, filósofo e borracho como sempre, mas muito mais filósofo que borracho, de archote na mão, alumando as trevas da Praça onde se ostenta o Rei Afonso, hoje mais «rei preto», que nunca, procurando, tal como o Diógenes há séculos procurava um homem, sabem os senhores o quê? — o bairro operário!...*

*Pobre borrachão impenitente, — no teu cérebro alcoolizado brilha ainda um leve fogacho de inteligência...*

**Incorporação de recrutas**

Todos os mancebos aputados, residentes neste concelho, já intimados a fazer a sua incorporação de 1 a 15 do proximo mês de Maio, no quartel do Regimento de Infantaria 8, Braga, o devem fazer, na mesma data e mês, no quartel que foi do Regimento de Infantaria n.º 20, nesta cidade, apresentando-se apenas naquele Regimento, os aputados nos termos do art.º 79 do Regulamento do Recrutamento para serem inspecionados pela Junta Regimental.

**Anuario dos Correios e Telégrafos**

Por intermédio do nosso prezado amigo sr. Joaquim Leite Monteiro, foi-nos oferecido pela Direcção do Anuario dos Correios e Telégrafos, um exemplar para o corrente ano.

E' um belo elucidário para todos os que tenham de se utilizar dos serviços dos Correios, Telégrafos e Telefones, pois nele se encontram todas as indicações sobre portes de correspondencia, encomendas postais, valores declarados, telegramas nacionais e internacionais, serviços rádio-telegráficos e telefónicos, etc. etc.

«A Velha Guarda» agradece muito penhorada a gentileza da oferta.

**Por quem Deus nos manda avisar...**

Fomos informados que o sr. João Rocha apelidou ou pretendeu apellar-nos de indignos a um tempo que recriminava amargamente um leitor da «Velha Guarda».

Cínico e mau, o jarrão enganou-se no número da porta e esqueceu-se, por certo, que foi ele um dos apontados como responsável do desvio do milho do celeiro municipal.

Nós é que o não esquecemos e mostramo-lo ao público tal qual é: — o trauliteiro que traiu a República e Sidónio Pais.

Foi ele mesmo quem, como presidente da Câmara e mentor do professor Mário, alcunhou de bandidos os republicanos presos, não procurando ver a honestidade limpa dos que nunca se enlamearam na desonra, como S. Ex.<sup>a</sup>, ou mesmo daqueles a quem cumprimenta ou pede agasalho nos momentos adversos.

E' cínico e mau. O seu riso esvurme ódio e cumprimenta para anavalhar.

A naífa joga-a ele como qualquer rufia e a mentira forja-a ele a todos os momentos...

Continue, que vai bem nesse papel!

**Há-de sair**

Em duas penas enquanto o diabo esfrega um olho:

Vocelências conhecem a história do «Há-de sair»? Cautela. Não me refiro à que se vê atribuída ao desopilante sestro bocagiano; refiro-me à outra, à que toda a gente sabe, e que se pode contar nos salões, diante de qualquer diplomata da Santa Sé, e sem que o rubor tinja as lavadas faces das meninas do nosso tempo, *insexuadas* como éfebos, dizem uns, tentadoras como as ondinas da fábula, querem outros.

Cautela. Cuidado com as imitações, com as contrafacções. Refiro-me à outra, à da montanha que deu à luz, vá lá o arrebique, um rato.

Andava a grei com o nariz no ar com risco de o esmurrar nos pontos cardeais; toda a gente abria a bôca, num gesto de espanto e de anciedade, a ver o que dali saía, e vai senão quando, sai rato. Tanta congeminção, tanta locubração, tantas e tão fundadas esperanças em bem refugoso pimpólo, para afinal, nos sair um misero roedôr, um lazarento rato. E as dôres da montanha, e os ais da paturiente...

— Ná... dizia a visinha, boa hora tenha, mas aquilo não é só um. Aquilo é casal, à certa.

— Qual casal, gritava Esculápio, assarapantado, aquilo é ninhada. Aquelas convulsões, aquele bôjo... Não há dúvida: é ninhada.

E eu, e o Silva, e o Costa, e o Zé Chêdas, e o mundo todo a olhar para o ar de dia, a interrogar a mesa de pé de galo, no justo aneio de encontrar a explicação do caso: Há-de dar brado, diziam uns; há-de sair, berrava a montanha. E saiu, senhores. Lá sair, saiu, como vocelências estão a vêr, isto é, a não ver por se terem apagado as luzes.

Os pretextos são as razões de que se vale aquele que não tem razão nenhuma.

Stendhal.